



Imagens de si para *voyeurs* virtuais: fronteiras fluidas entre o público, o privado e o íntimo

Rosalý de Seixas Brito¹
Universidade Federal do Pará

Resumo

Baseado em pesquisa antropológica com jovens urbanos da Região Metropolitana de Belém, no norte do Brasil, em que estavam em foco, entre outras questões, suas práticas comunicativas, o artigo propõe-se a discutir a redefinição de fronteiras entre o público, o privado e o íntimo nas trocas comunicativas e formas de narrativa virtuais juvenis nas redes sociais da internet. Os dados de campo revelam que, diferentemente das delimitações mais claras entre os âmbitos público e privado da vida que marcaram a modernidade, contemporaneamente os limites entre eles tornaram-se vagos e ambíguos. A vida online, lugar de pertencimento fundamental no cotidiano de jovens, em que é permanente o convite à autoexposição, interpenetra-se com a vida offline. Esses âmbitos são contíguos e mutuamente implicados. Porém, se de um lado o domínio privado da vida se vê atravessado pelas lógicas de visibilidade e de exteriorização do eu na febre das narrativas autobiográficas na rede, de modo geral a intimidade, conforme os dados da pesquisa, mantém até certo ponto uma dimensão indepassável. Valendo-se das formulações de Leonor Arfuch (2005) e Rosalía Winocur (2011, 2012), o artigo defende que é possível discernir dois níveis da intimidade juvenil – a intimidade *pública* e a intimidade *privada íntima*. O íntimo é o não comunicável, associado ao lugar próprio, tanto física como simbolicamente falando; o público é o que se dá a mostrar, e pode estar tanto dentro como fora da casa.

Palavras-chave:

Narrativas virtuais juvenis. Intimidade pública. Intimidade privada.

Abstract

Based on anthropological research with urban youth in the metropolitan region of Belém, North of Brazil, in which there have been in focus, among other issues, their communicative practices, the paper proposes to discuss the redefinition of boundaries among public, private and intimate in communicative exchanges and juvenile forms of virtual storytelling in social networks on the internet. The field data reveal that, differently from the clearer boundaries between the public and private spheres of life that marked modernity, contemporaneously, the boundaries between them become vague and ambiguous. The online life, a place of belonging essential in the daily lives of the youths, which is permanent invitation to auto exposure, interpenetrating with the offline life. These areas are contiguous and mutually implicated. However, if on one hand the private domain of life is seen traversed by logics of visibility and externalization of the self in autobiographical narratives of fever in the social networks, in general intimacy, according to the data of the research, remains to some extent an impenetrable dimension. Utilizing the formulations from Leonor Arfuch (2005) and Rosalía Winocur (2011, 2012), the article argues that it is possible to discern two levels of juvenile intimacy - public intimacy and intimate private intimacy. Something that is intimate is not

¹ Professora Associada da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Doutora em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFPA.

communicable, associated to one's place, both in a physically and symbolically ways; the public one is permitted to show, and it can be both inside and outside the house.

Keywords:

Juvenile virtual narratives. Public intimacy. Private intimacy.

“Os sites das redes sociais falam para a vasta solidão do mundo”.

Christine Rosen

Mais que um ambiente comunicacional, de convergência de mídias, a internet transformou-se, especialmente desde a década passada, com o advento da Web 2.0², em uma esfera simbólica alargada, que recobre virtualmente o globo, em que se tecem novas formas de interação, de produção de significado social, de conformação de vínculos e jogos identitários. Em vista disso, pode-se dizer, de acordo com Rosalía Winocur (2009), que os dispositivos presentes no ambiente virtual passaram a cumprir a função de “artefatos culturais e rituais”, apropriados pela sociedade para usos simbólicos diversos. Um dos usos mais significativos, de acordo com a autora, é como suporte para mitigar a incerteza, os medos e sobressaltos que cercam a vida cotidiana dos indivíduos hoje nas paisagens urbanas – medo da solidão, do desemprego, da delinquência, da insegurança, das doenças, entre tantos outros.

A interpenetração que passa a ocorrer entre o chamado mundo da vida e as interações que se processam no mundo virtual em parte pode ser atribuída a uma mudança perceptiva, cognitiva e sensorial significativa provocada pelas tecnologias digitais e o novo ambiente por elas delineado. Diferentemente da posição passiva que lhe fora relegada pelas tradicionais mídias de massa, o usuário passa a ter um papel ativo nas mídias digitais. Em um sentido diferente daquele trazido pelo cinema, o computador o convida a *entrar, imergir* na tela e a partir dela ter vivências múltiplas.

Desde o advento do cinema, atravessar a fronteira que separa a tela da vida real foi sempre uma pulsão até certo ponto irrefreável para o espectador, mergulhado em sua experiência sensorial singular na sala escura. Ultrapassar esse limite, entrar no *espelho*, o lugar

² A chamada Web 2.0, que emergiu na década passada, se caracteriza, fundamentalmente, por “processos colaborativos e arquiteturas participativas de produção tais como wikipedias, blogs, podcasts, o uso de tags (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos” (Santaella, 2010: 267). As postagens de fotos no Flickr, e as redes sociais como Orkut, Facebook, MySpace, Goowy, Hi5, o microblog Twitter, o popularíssimo site de postagens de vídeo You Tube e o Second Life (simulação de uma vida paralela na realidade virtual) são expressões protagonistas da Web 2.0. Hoje a discussão se volta para a Web 3.0, também conhecida como *web semântica*, que deve aprimorar e sofisticar mais ainda as possibilidades de uso da inteligência artificial, da tridimensionalidade, intensificando a conectividade e a convergência tecnológica.

onde vivem as imagens, é algo que tem um sentido mágico na nossa cultura como argumenta com Arlindo Machado (2007).

A famosa novela de Lewis Carroll, *Through the looking glass*, em que Alice cruza essa fronteira e vive experiências incríveis do lado de lá do espelho, é uma metáfora que traduz muito bem essa pulsão. Por isso mesmo é recorrente no cinema, como no filme – entre vários outros - *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, em que a personagem Cecilia penetra no filme e passa a contracenar com as personagens da história. O aspecto mais tentador de passar para o lado de lá da tela é justamente o fato de que esse mundo puramente fictício e de fantasias, em que aparentemente tudo é possível, convida a um movimento catártico, sempre que o peso da *realidade* mostra-se opressivo demais.

Porém, Machado é categórico ao apontar as transformações que separam a experiência do espectador do cinema e a do que ele chama de *interator* da realidade virtual do ciberespaço. No modelo perceptivo da *câmera obscura*, o lugar reservado àquele que assiste ao filme é de fato o de um espectador, palavra originada do latim *spectare*, que se refere aos atos relacionados com o olhar, a que se soma a conotação da passividade e da mera assistência.

Com a hegemonia da *câmera obscura*, o ato de ver é separado do corpo físico do observador, que já não tem nenhum papel para desempenhar no processo de significação [...] A *câmera obscura* traduz a ideia de um sujeito descorporalizado e interiorizado, que pode observar o mundo de fora dele e, ao mesmo tempo, de forma introspectiva e autocentrada (MACHADO, 2007, p. 176).

A chegada dos *aparatos digitais de imersão*, conforme a tese por ele formulada, comungando do pensamento de vários outros autores, representa uma “impetuosa reconfiguração” na natureza da experiência da visualidade e da sensorialidade, provavelmente até mais profunda do que a ruptura havida com a passagem da iconografia medieval para a perspectiva renascentista. De mero espectador, o usuário das novas tecnologias passa a assumir um papel ativo. No mundo virtual, ele interage com a imagem, com que se envolve e em que pode intervir. Trata-se de uma experiência em que seu próprio corpo está implicado e em que o mundo real, a vida que está fora, é posta entre parênteses.

Por isso o termo *Cave*³, caverna em inglês, que dá nome, genericamente, à realidade virtual, é tão sugestivo e apropriado para nominá-la, como ressalta Arlindo Machado. Na caverna do mundo virtual a imagem tem 360 graus e é perfeitamente manipulável pelo internauta/interator. Subvertendo a clássica posição do espectador de um quadro no sistema figurativo renascentista, ou mesmo do espectador do cinema, na realidade virtual, uma estrutura móvel, essencialmente permutativa e modificável, o sujeito abandona a posição contemplativa e passa a ser um *agenciador*. “Um sujeito que dialoga, que interage com as imagens (com sons e com estímulos táteis) [...] Ele ganha, portanto, potencialidades novas [em] um universo que passa a demandar dele respostas problematizadoras [...] não inteiramente previstas no enredo” (Machado, 2007, p.195).

Se é um fato que, sobretudo depois da chegada das mídias móveis ou locativas, a *caverna* do mundo virtual capturou e seduziu, de forma aparentemente inelutável, pessoas das mais diferentes faixas etárias, justamente em função desse reposicionamento do sujeito e da posição ativa que passa a ter diante das novas mídias, que invadiram o fluxo das suas interações cotidianas, o que não dizer dos chamados *nativos digitais*, ou seja, das pessoas que já nasceram sob o signo da revolução digital?

Os dados da pesquisa de campo com jovens urbanos, de cunho etnográfico, em que se baseia este artigo⁴ revelam que, inegavelmente, as interações na web constituem uma importante forma de pertencimento no universo juvenil, a despeito dos variados níveis de acesso tecnológico verificados entre os interlocutores da pesquisa⁵. Mas, apesar da fluidez de fronteiras entre a vida online e offline na sua experiência cotidiana, essas duas dimensões da vida não são indiscerníveis entre si. Parece mais adequado pensá-las como espaços contíguos e mutuamente implicados, como quer Winocur (2011, 2012). Ao mesmo tempo que parecem romper a barreira da intimidade, porém, as interações e a autoexposição virtuais não anulam o resguardo de uma esfera privada íntima como veremos adiante.

³ Em verdade, trata-se de uma metonímia, certamente proposital, já que é a sigla de Cave Automatic Virtual Environment, dispositivo genérico da realidade virtual produzido pela Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, conjuntamente com o National Center for Supercomputing Applications (Machado, 2007, p. 187).

⁴ Da qual participaram 16 jovens, nove mulheres e sete homens, com idades variando entre 17 e 24 anos, de 13 bairros e de diferentes padrões de renda, da Região Metropolitana de Belém, no norte do Brasil. A pesquisa foi realizada entre janeiro e setembro de 2012.

⁵ Entre os 16 jovens que participaram da pesquisa, cinco não tinham computador doméstico e três compartilhavam o uso do computador com os demais membros da família. O celular, sobretudo para os que não tinham computador em casa, aparecia como alternativa de conexão.

Os perfis que mantêm nas redes sociais, os usos cotidianos que delas fazem e as narrativas autobiográficas que constroem são reveladoras da maneira como querem ser vistos nessa imensa galeria virtual e também de como ela permite e facilita o manejo e combinação de identidades que, à primeira vista, poderiam soar incoerentes entre si.

A fala de Luíza, uma de minhas interlocutoras, nesse sentido, é esclarecedora sobre a consciência desse manejo. “Para mim, as redes sociais são mais um dos espaços onde eu estou constantemente construindo narrativas (...) Nas redes sociais, eu enfrento um certo problema de como equilibrar todas as imagens que eu tenho em relação aos grupos que eu frequento, principalmente em relação à minha família”.

A redefinição e fluidez de fronteiras entre o público, o privado e o íntimo, os recursos e estratégias utilizados pelos jovens participantes da pesquisa nas narrativas autobiográficas que fazem nas redes sociais, para consumo de *voyeurs* virtuais, são alguns dos temas focalizados neste artigo, de maneira a buscar entender o significado dessas novas teias de relações instituídas na internet.

1.A tela como palco

Como é viver um dia sem internet? As respostas a essa pergunta, feitas aos jovens, são por si mesmas reveladoras da intersecção e contiguidade entre a dimensão presencial e virtual. O mundo virtual não é menos *real* do que o mundo físico para eles, sendo tênue ou quase imperceptível, muitas vezes, a linha divisória entre eles. Um é vivido como extensão do outro. Isso não quer dizer que eles não valorizem as interações presenciais, mas estas em geral são vividas como prolongamento daquelas que se processam no âmbito virtual. Um dia sem internet, nesse sentido, “é como se eu estivesse offline da vida real também, você não tem muito o que fazer”, como resumiu Luíza. Ou, ainda, a sensação de vazio e isolamento, presente na fala de Lívia: “sinto que estou perdendo informação, que estou fora do mundo”.

Essas falas remetem, em primeiro lugar, a uma necessidade de pertencimento. O *estar junto*, em grande medida, passa a ser sinônimo de estar na rede. A isso soma-se a necessidade de *estar visível*, pois a invisibilidade, ao reverso, soa como uma ameaça. A partir da configuração da vida moderna, e de forma cada vez mais intensa desde então, em vista do alto grau de reflexividade que passou a caracterizar a sociedade, conforme Anthony Giddens (1993, 2002), o *eu* tornou-se um projeto aberto e também reflexivo, negociado em meio a uma

profusão de interferências externas, que vão desde as várias formas de terapia e os manuais de autoajuda, até programas de televisão e imagens construídas pelos meios de comunicação, a que poderíamos acrescentar as imagens que circulam e as que cada um constrói em torno de si nas redes sociais. “As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter “aberto” da autoidentidade e a natureza reflexiva do corpo” (1993, p. 41), assinala.

O autor postula que, na alta modernidade ou modernidade tardia, nenhum aspecto de nossas atividades cotidianas segue um curso predestinado, pois os sistemas abstratos que as caracterizam são intrinsecamente erráticos, fazendo com que o risco se torne um elemento permanente na vida social. Isso pressupõe uma contínua reorganização psíquica, no âmbito individual, e, ao mesmo tempo, uma atitude calculista em relação às possibilidades de ação, positivas ou negativas, com que tanto indivíduos como a sociedade de maneira mais ampla, se veem constantemente confrontados. A reflexividade da alta modernidade, a seu ver, portanto, se estende ao núcleo do eu, interferindo nos aspectos mais íntimos da vida pessoal, condicionados que estão por conexões de grande amplitude.

Embora muito anterior a essas formulações, a clássica obra de Erving Goffman [(1959)1985] sobre as formas de representação do eu na vida cotidiana traz questões importantes para se pensar a “atitude calculista”, de que fala Giddens, nas interações sociais. Nelas são mobilizados, segundo Goffman, elementos semelhantes aos da representação teatral, uma vez que o *eu* de cada indivíduo, além de necessariamente relacional, não é senão fruto de uma representação por ele manejada de forma mais ou menos consciente na situação de interação. A vida social, nesse raciocínio, é plenamente equiparável a um palco, em que a ação se desenrola sob o olhar atento da plateia. “(...) No palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores” (1985, p. 9).

Embora a análise de Goffman tenha sido feita com base nas interações face a face em diferentes espaços da vida social, nas interações a distância, mediadas por computador, em que o sujeito está “protegido” por uma tela, os elementos teatrais da representação do eu parecem assumir uma dimensão ainda mais radical. Ficção e realidade se veem separadas por fronteiras tênues e fluidas, enquanto o íntimo e o público, assim como a vida online e offline, se interseccionam.

Escutando o que os jovens disseram pude perceber que entre eles há um misto de mal-estar e de naturalidade em admitir os artificialismos que fazem parte do jogo das interações na rede. Como nos comentários abaixo, de Rita e André:

É mais fácil, é livre você falar sem ninguém ver, você digitar no seu quarto lá trancado, é muito fácil falar o que você quer, da forma que você quer (...), do que falar pessoalmente, ou para um grupo de pessoas (...) Mas quando chega pessoalmente é outra história, dá vergonha, dá timidez e tudo aparece na hora. (Rita).

A vida real tem muito mais vergonhas, agruras e manchas do que queremos mostrar nas redes sociais. (André).

A autora Paula Sibilia (2007) chama atenção para um fato que marca distintivamente nossa época, ligado ao surgimento da internet, que é a explosão das práticas por ela chamadas de “confessionais”, por meio de dispositivos como blogs, fotologs, videologs, webcams e redes sociais, levando milhões de usuários em todo o planeta a exporem publicamente sua intimidade e vida privada.

De certa maneira, é como se essa prática tivesse atualizado, embora com nuances próprias, o gênero autobiográfico, em que há coincidência entre autor, narrador e personagem. “O *eu* que fala, que se narra e se mostra incansavelmente na web é tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem” (Sibilia, 2007, p. 183). Por outro lado, “não deixa de ser uma ficção, pois, apesar de sua contundente autoevidência, é sempre frágil o estatuto do *eu*. Trata-se de uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico de cada experiência individual” (idem: 183).

É importante destacar, conforme argumenta autora, que, ao contrário do que acontecia quando o gênero autobiográfico se consagrou, nos relatos biográficos que hoje proliferam na internet e em outros meios e suportes houve um nítido deslocamento do foco de interesse das pessoas ilustres ou heroicas para as pessoas *comuns*. “Uma intensa sede de realidade tem eclodido, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e reais (...) sem desprezar a busca daquilo que toda figura extraordinária também tem de “comum” (Sibilia, 2007, p.185).

Por outro lado, há um deslocamento em direção à intimidade, ou seja, àquele âmbito da existência que antes era visto inequivocamente como privado. “Enquanto os limites do que se pode dizer e mostrar vão se alargando, a esfera da intimidade se exacerba sob a luz de uma visibilidade que se deseja total” (idem, p. 185). A ideia de uma visibilidade total, no entanto,

precisa ser pensada em outros termos, vista em tons mais matizados, como se discute no tópico a seguir, com base nos dados de campo da pesquisa.

2. Público, privado, íntimo: deslocamentos e fluidez de fronteiras

Entre os interlocutores da pesquisa, três mantinham seus próprios blogs na internet. Rita é uma dentre eles. Ela é artesã e havia me dito pessoalmente que usava seu blog mais para fins pessoais, com alguma divulgação de seu trabalho, enquanto que sua página no Facebook era usada prioritariamente para divulgar seu trabalho. Em incursões pelo seu blog, me deparei com o perfil abaixo, em que se apresenta para os eventuais visitantes do blog. O tom é íntimo e de confiança:

Eu sou uma pessoa complicada, eu acho, pq não sou lá muito previsível, sou intempestiva, verdadeira com meus sentimentos e com minhas atitudes, tenho a mania de levar as coisas na boa e geralmente dou mais valor a atitudes que a palavras.... Eu tenho mudado muito, minha vida mudou... Digamos que se minha vida fosse um jogo, eu teria passado de fase. Não sei como é para os outros, mas eu não tenho grandes instintos de superação, ao invés disso, geralmente entro em pânico diante das adversidades, ainda que meu pânico se manifeste de diferentes e estranhas maneiras, como apatia, "estar no mundo da lua", me fechar em mim mesma (...) Eu sou assim, desconfiada com as pessoas, reservada quanto aos meus sentimentos, ainda que os demonstre (...) Ultimamente as coisas andam diferentes, apesar de todo o medo que sinto, eu estou com uma forte impressão que tudo vai dar certo, que as coisas tão indo em frente. Estou com bons pressentimentos! (A escrita foi reproduzida tal qual está no blog).

O aspecto eminentemente subjetivo da narrativa acima parece ser um bom fio condutor para a discussão proposta aqui. Até relativamente pouco tempo atrás, seria inimaginável compartilhar relatos de natureza tão íntima como esses com um conjunto tão ampliado de pessoas anônimas, desconhecidas, virtualmente leitoras de blogs pessoais. Esse tipo de elucubração íntima ficava reservado para os romances, portanto com personagens ficcionais, ou para os diários íntimos, destinados ao consumo próprio. É interessante notar como a narrativa de Rita se reveste, tanto no estilo como no conteúdo, de componentes da ficção literária, havendo certa ficcionalização de fatos verdadeiramente vividos ou mesmo simplesmente imaginados, nos termos de Paula Sibilia (2007).

A ficcionalização do eu é admitida claramente por André, outro interlocutor da pesquisa, que, no entanto, de vez em quando entra em crise quanto à forma de se mostrar na rede. Tanto é assim que, de tempos em tempos tem o hábito de deletar os perfis que mantém

no Facebook. O que o move nesse jogo de vai-e-vem é o dilema que vive, e que de vez em quando se agudiza, sobre o grau de sua exposição na internet. Às vezes tudo lhe parece exagerado; outras, lhe soa natural. Quando decide desaparecer momentaneamente da rede é como uma retirada estratégica, uma pausa para refletir. Sai de cena talvez para desintoxicar-se dos personagens que ele mesmo constrói e repensá-los. Mas mesmo que fique um pouco mais tempo ausente, sabe que vai voltar, pois não pode prescindir dessa forma de relacionamento com seus amigos.

Ao mesmo tempo que tem consciência de que as identidades mostradas nas suas páginas pessoais são “personagens” que cria, acredita que muitas vezes escapam de seu controle; é quando resolve sair de cena. “Como adoro um bom drama, quem olha minhas páginas nas redes sociais deve ficar preocupado (...) Percebo que, na verdade, não sou assim offline, mas acabo parecendo justamente por querer me expressar e achar que as coisas mais tristes são mais bonitas mesmo, desde músicas até filmes e literatura”. Mas ainda que perceba quando extrapolou na dose de dramatização de suas exposições online, André tem consciência de que elas traduzem apenas um momento, um recorte, e de que não são uma mera extensão da vida real.

Um olhar em retrospecto permite estabelecer um paralelo entre os perfis mantidos hoje nas redes sociais e experiências mais remotas. Durante séculos, observa Christine Rosen (2007), as pessoas ricas e poderosas documentavam sua existência, seu status e buscavam “imortalizar-se” por meio de retratos pintados em óleo sobre tela. Hoje, os autorretratos são digitais e construídos por pessoas das diferentes camadas sociais. Eles são interativos, convidam os usuários não somente a olhar, mas também a responder e a interagir com a vida retratada online.

Mas respondem, tanto quanto os retratos pintados em tela, pelo atemporal desejo do homem de atrair a atenção para si, tanto que esse é o tema que domina o que chama de “vastas galerias virtuais”. Conforme a autora, os perfis nas redes sociais são usados prioritariamente para buscar amizades, amor e, por ambíguo que possa ser o sentido da palavra, a conexão com os outros.

Ainda que sejam práticas diferentes e até certo ponto opostas entre si, é possível estabelecer um paralelo entre a verdadeira epidemia - no sentido grego da palavra, de algo que

envolve muita gente - que acontece atualmente de narrativas autobiográficas nas redes sociais na internet e a prática dos diários íntimos, sobretudo de pessoas jovens, que no século XIX também proliferaram com uma intensidade febril.

A subjetividade burguesa, impregnada pelo pensamento romântico, alimentava-se de uma densa vida interior, em que cada indivíduo buscava afirmar-se na sua singularidade inimitável. Os relatos íntimos nos diários funcionavam como verdadeiros confessionários, cúmplices das dores, sofrimentos, incertezas, da densidade da vida pessoal de cada um ali resguardada.

A passagem para a modernidade, como aponta com acuidade Richard Sennett, em seu famoso livro sobre o declínio do homem público, representou uma gradativa erosão da vida pública ao mesmo tempo em que se transformou profundamente o sentido da privacidade. “Temos tentado tornar o fato de estarmos em privacidade, a sós ou com a família e os amigos íntimos, um fim em si mesmo” (1988, p.16).

Aos poucos, conforme o autor, ocorreu uma `privatização da psique´, que passou a ser tratada como se tivesse uma vida interior própria, tão preciosa e delicada que precisasse se proteger e se isolar da realidade do mundo social. “O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo (idem, p. 16).

A ideia da vida pública, em oposição ao domínio doméstico, o lar (*oikos*), surgiu ainda entre os gregos e estava diretamente ligada ao exercício da vida pública na pólis, a uma esfera política, o *bios politikos* a que se refere Aristóteles. Era o reino da liberdade, em que as questões relativas à cidade eram debatidas à luz da palavra e da razão, conforme Hannah Arendt (2014), e em que era vedado o exercício da violência. O domínio privado do lar, em contrapartida, destinava-se a atender as necessidades da sobrevivência e assegurar a continuidade da espécie. Modernamente, porém, como apontara Sennett, o ordenamento dessas esferas sofreu intensa reconfiguração, com novos significados associados a um e outro domínio.

O íntimo, nesse cenário, nada mais é do que uma “sutil gradação do privado”, que só aflora, segundo Leonor Arfuch (2005), no século XVIII. O privado é a contraface do público - em sua dupla dimensão, política e social -, a que se articula o íntimo, que tende a se

autoprotoger e a ter um caráter intangível, enquanto o lar, a domesticidade da casa, é mais tangível. Hannah Arendt afirma que o primeiro a explorar e a enunciar a intimidade foi Jean-Jacques Rousseau, em suas *Confissões* (1776), ao rebelar-se não contra a opressão do Estado, mas contra a perversão do coração humano pela sociedade e contra a intrusão desta em uma região recôndita do homem.

A intimidade do coração, ao contrário do lar privado, não tem lugar objetivo e tangível no mundo, e a sociedade contra a qual ela protesta e se afirma não pode ser localizada com a mesma certeza que o espaço público (ARENDR, 2005, p. 47).

A intimidade, então, assinala Arfuch, antes de tudo foi escritura e palavra, dizer performativo, tematizada na literatura e também intensamente, como já mencionado antes, em todo tipo de escrita autobiográfica – confissões, memórias, diários íntimos, correspondências. Ao mesmo tempo, surge o romance, florescem a poesia e a música, desde meados do século XVIII até quase o final do século XIX, indicando uma valorização dos sentimentos mais recônditos e da esfera íntima, como refúgio seguro contra um mundo público em que se tornavam cada vez mais rígidas as normas de conduta e em que o homem se diluiu na anonimidade do espaço público das grandes cidades.

Contemporaneamente, a relação entre esses domínios novamente se reconfigura e se conturba, estabelecendo ambivalências e ambiguidades, em vez de fronteiras precisas. A intimidade, antes confinada à casa e, em uma visão mais restrita, ao próprio corpo, às paixões, aos pensamentos e à mente, ao lugar próprio de cada um, agora assume uma dimensão alargada, que faz transbordar seus clássicos limites na vitrine eletrônica da rede e das telas, “com a onipresença das telas de computador nos domicílios, a exibição da vida privada das celebridades na TV e das pessoas comuns nos programas sentimentais e nos reality shows” (Winocur, 2011, p. 180).

Ao mesmo tempo que preserva sua dimensão contígua ao corpo, aos pensamentos, à consciência e à casa, de outro, sendo uma dimensão fundamental do domínio privado da vida, também se vê atravessada por outras lógicas que a projetam publicamente e a exteriorizam, na febre das narrativas autobiográficas. Por isso, Rosalía Winocur formula a ideia de dois níveis da intimidade: uma *intimidade pública*, que se opõe à *intimidade privada íntima*. Nas palavras da autora:

En estas nuevas condiciones de producción del yo, donde todos tienen la posibilidad de trascender públicamente, el ejercicio de la intimidad se ha vuelto un acto de naturaleza profundamente reflexiva, no solo porque producimos *performances* destinadas a alimentar nuestra `intimidad pública`, sino también porque, a diferencia de lo que ocurría antes donde ciertos espacios y tempos nos indicaban que aquí comienza el reino de la intimidad y aquí se acaba – como las puertas de las casas y de las habitaciones, o la noche y el día – han perdido mucho de su eficacia simbólica para marcar las fronteras y, como parte de nuestro proceso de individuación, tan caro a la modernidad, también debemos decidir y hacernos responsables todo el tiempo sobre lo que es comunicable o no de nuestra intimidad (al menos en un sentido manifiesto), con quién o quiénes compartila, en qué momentos y en qué espacios reales o virtuales (WINOCUR, 2012, p. 8)

As palavras da autora vêm ao encontro do dilema vivido por André, referido antes, sobre o que seria ou não comunicável de sua intimidade, e que está muito presente no cotidiano de pessoas de sua geração que, como ele mesmo afirma, cresceu vivenciando os limites fluidos entre o mundo offline e online, razão pela qual é difícil discerni-los com precisão. A despeito disso, percebe-se que há sempre uma parcela de resguardo da intimidade, de algo que é guardado somente para si e que, quando muito, pode ser compartilhado com um círculo muito fechado, seja no âmbito da família ou dos amigos.

Assim é para Sílvia, para quem a linha divisória ainda é clara, pois tem aversão à ideia de sua vida pessoal estar exposta na internet. Ela admite, porém, ser inegável que para muitos a linha esteja ficando cada vez mais “fina”. Sílvia mantém contas no Facebook e no Twitter, mas procura equilibrar o grau de sua exposição e define sem hesitar o que considera íntimo e aquilo que pode ser tornado público. “Íntimo é algo que não pode ser exposto, algo pessoal demais, que é de interesse apenas para o próprio indivíduo; público é algo que pode ser compartilhado com quem o indivíduo desejar, pois não trará dano algum à sua vida. Hoje muitos jovens não têm essa percepção, por isso colocam toda sua vida na internet, e muitas vezes acarretam sérios danos para si”.

A fluidez da fronteira que separa esses âmbitos da vida está presente na fala da maioria dos jovens com quem conversei. Nara e Luíza também não tergiversam em admiti-la. “Acho que esta separação está se tornando cada vez mais tênue. Percebo que a maioria das pessoas possui uma necessidade de expor tudo que acontece na sua vida nas redes sociais sem qualquer crivo”, comenta Nara. À pergunta “o que é íntimo e o que é público para você?”, porém, responde com clareza: “Para mim é público aquilo que se for compartilhado vai

acrescer algo na vida das outras pessoas e íntimo é aquilo que somente diz respeito à minha pessoa, não havendo porque expor meus sentimentos e cada passo que dou ou cada lugar que vou, para todos”.

Por sua vez Luíza, mesmo segura de que existe claramente uma mistura do íntimo e do público hoje - “a internet tem sim uma grande parte da responsabilidade sobre isso, apesar de que eu não acredito que essa confusão se mantenha só na "vida online", se é que dá para separar online e offline hoje” -, consegue vislumbrar uma divisão quando se trata de sua vida íntima. “Eu relaciono íntimo ao que é pessoal, o que é respectivo à minha vida particular e que de alguma forma vai trazer consequências para mim, ou no máximo para o pequeno grupo de pessoas que faz parte da minha rotina (família principalmente). Público é algo que diz respeito a uma esfera muito maior de pessoas da qual eu faço parte, como cidadã, como estudante, como ser humano”.

O que se conclui, então, é que a prática de mostrar-se e exhibir-se nas redes sociais, em maior ou menor grau presente na vida de todos os interlocutores da pesquisa, configuraria o que Winocur chama de intimidade pública, que se opõe a um outro nível de intimidade, indevassável, que os jovens entendem como o que é mais íntimo e próprio. “O íntimo é o particular, dentro ou fora da casa” (Winocur, 2011, p. 182). Os depoimentos de Vinícius, Pedro e Clara reiteram:

Tem coisa da nossa vida que só cabe a gente mesmo, não cabe estar expondo. Acho que não cabe estar falando que fez, aconteceu (...) Porque também põe em risco a integridade da pessoa (Vinícius).

Não procuro expor esse íntimo, mas se faço, ainda com cautela, procuro limitar, selecionar minhas relações na rede, a artificialidade dos “amigos” se faz, sou um personagem (Pedro).

Acho que íntimo é algo nosso que não deve ser divulgado em qualquer lugar ou para qualquer pessoa. Seria como pegar um megafone e ir pro meio da praça contar alguma coisa só sua e não é comum as pessoas fazerem isso, né? O público é o que a gente divulga, conta sem maiores problemas, porque todo mundo sabe ou pode saber de determinada informação. Acho que a linha entre um e outro é muito tênue (Clara).

3. O coração a nu?

É possível apontar, a partir do que me disseram os jovens e das discussões feitas ao longo deste artigo, um conjunto de questões, dialogando com Winocur (2011, 2012) e Arfuch (2005). Em primeiro lugar, o fato de que, indiscutivelmente, as redes sociais na internet

constituem um importante lugar de pertencimento na sua vida cotidiana. Em maior ou menor escala todos sentem necessidade desse tipo de interação, independente da camada social a que pertençam.

Em segundo lugar, não é possível entender de maneira apartada as vivências que eles têm online e offline. Elas são contíguas e mutuamente implicadas, como assinali no início do artigo. O fato de todos acreditarem que são fluidas e tênues as fronteiras entre a vida online e offline aponta também, em consequência, para o reordenamento entre os âmbitos público, privado e íntimo discutido aqui. Por mais que estejam interpenetrados, porém, eles não são indiscerníveis, em especial o domínio da vida íntima, por todos reconhecido como um lugar que é próprio, em grande medida inviolável, e muitas vezes não passível de ser compartilhado com ninguém. Exceção feita, às vezes, a um círculo restritíssimo de pessoas.

Quando se trata da delimitação do íntimo, o par família-casa passa a ter um estatuto ambíguo. Às vezes pode ser considerado parte das relações íntimas, outras vezes parte do “público” que vive ao redor dos jovens. E, de outro lado, os pensamentos são o “núcleo duro da intimidade” (Winocur, 201, p. 3-4). Partindo da expressão cunhada por Charles Baudelaire, em seu diário íntimo, *meu coração a nu*, o coração de cada um não se põe a nu sem filtros e freios que impeçam esse transbordamento.

Embora muitos admitam que constroem “personagens” na rede, cercando de aspectos ficcionais seu próprio eu, nas narrativas autobiográficas que produzem continuamente o que buscam, mais que atrair olhares para suas performances e encenações, é simplesmente atraí-los para si. Fazerem-se visíveis nesse espaço significativo onde se tecem hoje as tramas das interações juvenis. Em outras palavras, trata-se antes de tudo de busca por pertencimento.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In: LACLAU, Ernesto et al. **Pensar este tiempo**: espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- _____. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GOFFMAN, Erving. [1959]. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela**: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007.
- NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROSEN, Christine. Virtual friendship and the new narcissism. **The New Atlantis**, a Journal of Technology and Society. Copyright 2007. Disponível em <http://www.thenewatlantis.com>. Acesso em 23/07/2013.
- SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SIBILIA, Paula. O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams. In: CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed (Orgs.). **Comunicação e sociabilidade**: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 181-199.
- WINOCUR, Rosalía. La intimidad de los jóvenes en las redes sociales. In: **Revista Telos** (Cuadernos de Comunicación e Innovación). Madrid, abril-junio 2012, pp. 1-9. ISSN 0213-084X. Disponível em <http://www.telos.es>. Acesso em 24/11/2013.
- WINOCUR, Rosalía. O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens. **MATRIZES**. São Paulo, ano 5, n. 1, jul/dez 2011, p. 179-193.
- WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusoe ya tiene celular**: la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI Editores: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.